

Caras e caros camaradas,

Bem vindos ao jantar comemorativo dos 50 anos da União dos Sindicatos de Lisboa!

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer, em nome da União, a vossa presença!

De igual modo agradeço ao “coro de intervenção” que nos brindou com este bonito e simbólico momento cultural, porque a cultura também é luta!

Agradeço ainda a forma como todos e todas acolheram esta iniciativa, que conta com mais de 150 participantes! Dirigentes, delegados e activistas sindicais do nosso distrito, antigos e actuais trabalhadores da União, da Casa Sindical de Lisboa e do MSU, antigos e actuais dirigentes da União, amigos diversos e organizações com quem estamos lado a lado em várias causas (a APPA, o CPPC, a Associação Conquistas da Revolução, a Associação Iuri Gagarin, a Frente Anti Racista, a Intervenção Democrática, o MDM, o Movimento Erradicar a Pobreza, o MPPM, o MURPI, o MUSP, a URAP), a CIL, a CGTP-IN, a FEVICCOM, A FECTRANS, a Inter-Reformados e a Interjovem, a União dos Sindicatos de Setúbal.

Todos vocês constroem connosco, todos os dias, a União e a luta dos trabalhadores no distrito de Lisboa!

Mais uma vez, e, como não podia deixar de ser, deixo aqui um agradecimento aos trabalhadores da União, pelo seu empenho

para a realização desta iniciativa. Hoje como sempre, antigos e actuais, são indispensáveis à nossa acção.

Agradeço também à Casa do Alentejo e aos seus trabalhadores. É uma honra podermos realizar, aqui, este jantar comemorativo dos 50 anos da União.

Camaradas,

Convidámos para este jantar os antigos dirigentes da USL entre os quais aqueles que nestes anos foram os coordenadores desta importante estrutura (o Lança e o Arménio aqui presentes e a quem aproveito para saudar e agradecer a presença; o Libério que, por motivos de saúde, não pode infelizmente estar connosco).

Recebemos muitas e bonitas mensagens de camaradas que, por um motivo ou outro, não podem estar hoje aqui connosco.

Não seria possível lê-las todas, mas tenho a certeza que todos vão concordar que faça uma excepção...

Que faça uma excepção e que leia a mensagem que o nosso camarada Libério nos fez chegar, aproveitando para expressar o nosso enorme reconhecimento e amizade, o quanto gostaríamos que estivesse aqui connosco e o nosso forte desejo da sua recuperação.

Camaradas,

Celebrar 50 anos da União dos Sindicatos de Lisboa é celebrar meio século de coragem, de organização e de esperança transformada em luta, no país e no distrito de Lisboa. É celebrar a história viva do movimento sindical de classe, da nossa Central

Sindical a CGTP Intersindical Nacional, a história da conquista dos direitos (que hoje muitos tomam como garantidos), e é afirmar com convicção que o presente e o futuro da democracia passam, inevitavelmente, pela força dos trabalhadores!

Cinquenta anos volvidos sobre a sua fundação, honramos quem nunca desistiu de lutar. Honramos os camaradas que estiveram nas fábricas, nos bairros operários, nos sectores públicos e privados, organizando, mobilizando, resistindo.

O 25 de Abril de 1974 abriu as portas à liberdade sindical, ao direito à greve, à contratação coletiva com força de lei.

A USL foi criada um ano mais tarde, em 1975. Enquanto estrutura intermédia da CGTP-IN podemos dizer que cumprimos e continuamos a cumprir o nosso papel! Na direcção e coordenação da actividade sindical no distrito, nas tarefas decisivas para a organização, construção da unidade, solidariedade e luta dos trabalhadores, sempre com o espírito de combatividade, militância e sentido de classe que caracteriza o nosso movimento sindical unitário. Sempre numa visão de conjunto e intersectorial, sempre neste caminho de acção e luta solidária que é a nossa Central sindical - CGTP-IN e que se fortalece e continuará a fortalecer na camaradagem, na visão colectiva e na defesa intransigente dos direitos dos trabalhadores!

Ao longo destas cinco décadas, podemos dizer que a história da união é também a história dos sindicatos e dos trabalhadores do nosso distrito (e também do país): nas conquistas, na defesa e na resistência. Enquanto estrutura intermédia da CGTP-IN, com os sindicatos do Distrito, estivemos sempre nas grandes lutas por melhores condições de vida e de trabalho!

E penso que não é exagerado sublinhar a enorme responsabilidade da actividade e luta que desenvolvemos, num quadro em que Lisboa é muitas vezes a expressão visível da actividade da CGTP-IN, papel que tantas e tantas vezes desempenhámos lado a lado com a CIL e com a União dos Sindicatos de Setúbal.

Camaradas,

O filme que aqui passámos (e que aproveito para agradecer ao Alexandre Pires o seu contributo para a sua realização) é apenas uma selecção de momentos marcantes. Como vocês bem sabem, muitos mais houve e muitos haverão:

A luta pelo salário mínimo nacional, por melhores salários e pensões; A luta pela Constituição da República Portuguesa, a de 1976, e para que esta inscrevesse o trabalho com direitos como pilar da democracia; Pela Contratação Coletiva e os direitos dos trabalhadores; pelos direitos das mulheres trabalhadoras; pela segurança no trabalho; pelo SNS, pela Segurança Social universal, pela escola pública; a defesa das funções sociais do Estado e dos Serviços Públicos. As lutas contra as privatizações e encerramentos; pelo emprego; contra os salários em atraso e contra os despedimentos; A luta em defesa do Setor Empresarial do Estado. As várias Greves Gerais realizadas; os governos derrotados; a luta pela habitação com rendas justas, a luta contra o Racismo e pelos direitos dos trabalhadores imigrantes. Contra o Custo de vida, as desigualdades e injustiças sociais.

Sempre estivemos na linha da frente da solidariedade internacionalista. Da luta contra o apartheid na África do Sul às campanhas de solidariedade com a Palestina, com o Sahara

Ocidental com Timor-Leste, Cuba e a América Latina, a União dos Sindicatos de Lisboa afirmou sempre que a luta dos trabalhadores não tem fronteiras. Afirmámos que quem explora em Lisboa é parte da mesma lógica que explora noutras cidades capitais e no mundo. E dissemos sempre: a solidariedade entre os povos é condição da liberdade e do desenvolvimento.

Camaradas,

Na nossa região, enfrentamos hoje desigualdades profundas. Lisboa é a capital do país, mas é também a capital da especulação imobiliária, da precariedade no turismo, no audiovisual, nas limpezas, nas plataformas digitais. Os trabalhadores que constroem a riqueza desta cidade são muitas vezes impedidos de nela viver dignamente. Esta realidade não é inevitável, é uma escolha política. E é por isso que a USL continuará a exigir habitação acessível, serviços públicos de qualidade e trabalho com direitos.

E há um eixo absolutamente determinante para o nosso futuro: a juventude trabalhadora. Os jovens que entram hoje no mercado de trabalho, nas fábricas, na distribuição e nas grandes superfícies, na investigação científica, nos call centers, na cultura, no digital, enfrentam vínculos cada vez mais frágeis. Muitos nunca viram um contrato coletivo aplicado. Milhares nunca assinaram um contrato sem termo. O nosso papel é estar onde eles estão. Levar-lhes organização, confiança e poder coletivo. Não apenas lembrar-lhes a história, mas convidá-los a escrevê-la connosco.

Lutámos e continuaremos a lutar também para dar voz a milhares de homens e mulheres que trabalharam uma vida inteira e que, ainda assim, são obrigados a contar cêntimo a cêntimo para pagar

a renda, os medicamentos, a luz e a alimentação. As pensões continuam vergonhosamente baixas e, perante o aumento brutal do custo de vida, muitos reformados são empurrados para a pobreza e para a solidão. Não abdicaremos nunca de lutar pelo aumento das pensões e de exigir fim dos miseráveis 280 e 300 euros que são um insulto à dignidade humana.

A União dos Sindicatos de Lisboa é hoje uma força viva em todos os sectores deste distrito. Somos milhares de delegados, ativistas e dirigentes sindicais, com presença nas empresas, na administração pública e local, nos transportes, na saúde, na educação, no comércio, na cultura, na ciência, nos sectores emergentes da economia digital. Somos parte activa da vida democrática na defesa do Serviço Nacional de Saúde, da Escola Pública, do direito à Habitação, da Cultura como direito fundamental.

Camaradas,

Celebramos este aniversário com os olhos postos no futuro. Um tempo em que a precariedade, os baixos salários, o custo da habitação, o ataque aos serviços públicos, a uberização e a inteligência artificial são instrumentos de concentração de riqueza e poder. Um tempo que exige mais organização, mais consciência de classe, mais intervenção sindical.

Precisamos estar onde os jovens e todos os trabalhadores trabalham, mesmo quando os vínculos são frágeis ou escondidos atrás de plataformas digitais. Precisamos de garantir que a transição digital e climática não é mais uma desculpa para substituir empregos com direitos por precariedade ou desemprego. Precisamos de reforçar a contratação colectiva e

afirmar que trabalhar com dignidade não é um luxo, é um direito constitucional.

Temos neste momento um enorme desafio e uma luta muito exigente pela frente!

E Mais uma vez, a nossa Central e os trabalhadores contam com a União dos Sindicatos de Lisboa nesta luta pela derrota do Pacote laboral da Direita e dos patrões e que mobilizará todas as formas de luta necessárias! E já estamos na preparação do dia 8 de novembro, na construção da grande marcha nacional “Todos a Lisboa”!

Camaradas,

Estes 50 anos provam que nada nos foi dado, tudo foi conquistado. A força da nossa unidade, da nossa organização e da nossa luta continuará a ser determinante para construir um Portugal mais justo, mais igual, mais democrático. A União dos Sindicatos de Lisboa não olha para trás com saudade, olha para a frente com confiança!

Porque enquanto houver exploração, haverá resistência. Enquanto houver desigualdade, haverá luta. E enquanto houver trabalhadores organizados, haverá futuro.

Viva a luta dos trabalhadores!

Viva a União dos Sindicatos de Lisboa!

Viva a CGTP-IN!